

# ATE Amanhã

★★ de RUBEM BRAGA ★★

219/60

## O PMS

O CARRO da Petrobrás pega principalmente na questão de compras de material. Mesmo dentro da região da Bahia o sistema de compras deveria ser mais expedito, depender menos da assinatura de autoridade superior para atender a uma necessidade imprevista que ocorre em serviço; poderia, enfim, no entender de alguns críticos haver mais responsabilidade e ao mesmo tempo mais autoridade em escalões inferiores. Por outro lado, certo tipo de compras, como a de gêneros alimentícios para o pessoal, que deve ser feita em grande escala, lucraria em ser concentrada, para tornar possível a obtenção de preços mais baixos. Façamos justiça à empresa que está passando agora por uma reforma administrativa que visa a concentrar em um só órgão serviços similares hoje mantidos separadamente por vários departamentos, como os serviços de compras, assessoria jurídica, relações públicas e terras.

Mas nem tudo pode ser comprado na Bahia, apesar de a Petrobrás gastar ali, na praça, cerca de 3 milhões de cruzeiros diários; muitas vezes é preciso mandar o pedido para o escritório do Rio, e aí começa a existir uma coisa chamada PMS. Esta sigla não é confidencial; trata-se, simplesmente de pedido de material à sede. Quanto tempo leva um desses pedidos para ser expedido, chegar ao Rio, ser recebido aqui, estudado e despachado — quanto tempo, enfim, corre desde o momento em que um certo material é pedido pelo homem que faz o trabalho de campo até o momento em que ele recebe esse material?

Não temos estatística, não vasculhamos a papelada da burocracia da empresa, mas podemos afirmar que a tramitação lenta do famigerado PMS é um dos fatores principais do atraso no cumprimento das metas da Petrobrás. Seria possível dizer que uma parte dessa demora é inerente a toda grande orga-

nização, seja estatal ou privada; que outra parte é inevitável mesmo na melhor organização estatal, devido ao sistema de autoridade e de responsabilidade: mas também é preciso dizer que a maior parte dessa enervante demora pode e deve urgentemente ser eliminada se quisermos ter, em tempo breve, uma produção maior de petróleo. Há funcionários que são conscienciosos e rigorosamente honestos, mas que "chocam" os papéis com suas cautelas e demoras, e que por escrúpulo, por excesso de zelo, por medo à responsabilidade ou por falta de verdadeira autoridade — seja lá por que motivo fôr — contribuem para atrasar a produção efetiva de petróleo, porque deixam o homem de campo de braços cruzados à espera de uma determinada peça, cujo funcionamento é urgente e indispensável. Para tentar uma economia de alguns milhares de cruzeiros ou centenas de dólares é possível atrasar a produção no equivalente a muitos milhares de dólares de divisas, de óleo que deve ser importado. Isso sem falar em displicência ou outras falhas pessoais, e muito menos em interesses inconfessáveis, mesmo porque nossa impressão, colhida no contato com a organização e principalmente com os particulares que têm negócios com a empresa, é que o pessoal da Petrobrás tem um alto nível de honestidade e de devotamento ao serviço.



Mas entre o escritório do Rio (meu Deus, e pensar que agora temos Brasília, essa abstração geográfica!) e o local de serviço perdido no mato, há uma quebra de ritmo que está causando ao Brasil prejuízos consideráveis e atrasando o desenvolvimento de sua indústria de petróleo. Mostraremos casos concretos.

144